

Doutorado em História das Ciências das Técnicas e Epistemologia – HCTE
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Exame de segunda língua - Francês
10/12/2021

Prof.: Rundsthen Vasques de Nader
Aluno: Luiz Claudio Alzuguir – DRE: 119086056

Traduza o texto abaixo para o português. O uso de dicionário impresso e/ou eletrônico são autorizados, mas a tradução automática não é permitida.

Duração: 2 horas

Tempo de Tradução: de 9:10 até 11:20 (02:10h)

Conceito: A

=====

Texte:

Histoire des sciences et matérialité des textes: Proposition d'enquête

Karine Chemla

OpenEditions Journals, p. 167-180

<https://doi.org/10.4000/enquete.273>

Dans l'une des conceptions que le XIX^e siècle nous a laissées en héritage, l'histoire des sciences vise essentiellement à mettre au jour les étapes intellectuelles du parcours qui mènerait à la constitution des acquis scientifiques, que ceux-ci soient de l'ordre du concept, du résultat ou de la théorie. L'enquête est donc orientée vers l'identification des textes qui se trouvent porteurs d'innovation scientifique. Leur charge de nouveauté ne se mesure souvent qu'au regard d'une connaissance présente qu'ils reçoivent pour fonction de préfigurer. Les dernières décennies de discussions se sont appliquées à souligner à quel point semblable pratique s'avérait peu sensible aux conditions concrètes de production et de circulation des savoirs; et l'on a vu s'élaborer plusieurs approches autres, mettant chacune en évidence la pertinence, pour rendre compte de certains aspects de la réalité scientifique, de facteurs d'ordre économique, social, culturel ou autre. De ces diverses incitations à prendre en considération les sciences en ce qu'elles sont pratiques effectives, je discuterai ici celle qui voudrait nous rappeler à la matérialité des supports par lesquels les résultats des recherches sont rendus publics et circulent.

Il semble bien en effet, comme le notait Adrian Johns, qu'alors même que l'histoire des sciences a pu se donner à voir sous les espèces d'une succession de «grands livres», le simple fait que ces livres étaient des «livres» – à savoir des objets impliqués dans des pratiques concrètes de production, de distribution et d'interprétation – soit pour l'essentiel passé inaperçu. Derrière cette négligence se profile la conviction tacite qu'au fond, de quelque point de vue qu'on l'envisage, le contenu scientifique «réel» – et même, en poussant à l'extrême, sa réception – reste de fait indifférent à la forme qu'il reçoit, laquelle apparaît dès lors en négatif comme contingente et ne requérant pas

d'attention particulière. Et Johns d'appeler de ses vœux le développement, en histoire des sciences, d'un programme de recherche qui pourrait bénéficier des acquis conceptuels récents d'une histoire du livre dont L. Febvre et H.J. Martin marquaient un premier jalon d'importance avec la publication en 1958 de *L'apparition du livre*. Il ne s'agirait pas seulement de mettre en œuvre des méthodes quantitatives pour étudier de manière systématique les profils des publications et de leurs tirages, leur circulation différenciée en fonction des lieux et des milieux. A. Johns incite également les historiens des sciences à reprendre à leur compte la proposition, avancée par Roger Chartier et D. F. McKenzie, de travailler sur les modalités d'appropriation d'un livre par ses lecteurs, à savoir: de se pencher sur les usagers et sur leurs pratiques, leur travail, de lecture. Le dernier volet de son programme, enfin, concerne la production des livres à proprement parler, et A. Johns y insiste sur l'intérêt que présenteraient des recherches sur ces acteurs invisibles que sont les imprimeurs.

À ce point du programme cependant, il se révèle, me semble-t-il, une carence. Un maillon décisif de la production n'est pas désigné à l'investigation, un maillon vers lequel il paraît pourtant important de déplacer l'attention: le scientifique lui-même et son travail de conception, de rédaction du livre. Est-ce à dire que l'étude des différentes modalités de réception d'un ouvrage, l'inspection de ses diverses réalisations matérielles en épuiserait l'analyse en tant qu'objet spécifique? Est-ce à dire encore que la forme du livre représente un contenant a priori disponible, indifférent à ce qu'il véhicule, que cette forme ne manifeste aucune élaboration relative au travail qu'il lui est assigné de rendre public, qu'elle est dépourvue d'histoire? Négliger cet ordre de questions, c'est se priver de moyens pour appréhender l'histoire du livre scientifique dans sa spécificité; c'est aussi se priver de perspectives par lesquelles l'histoire des sciences pourrait bénéficier de cette ouverture que représente la prise en compte des livres en tant que tels. Quelques travaux récents me paraissent pourtant plaider en faveur de la pertinence de ces questionnements. Ils sont autant d'invitations à examiner, au contraire, comment les scientifiques élaborent, à tous les niveaux, les formes de leur production textuelle, dans un mouvement dont l'histoire est de fait indissociable de l'histoire des résultats scientifiques elle-même. Sans pouvoir dans l'espace de cet article mentionner tous ces travaux, je voudrais en confronter ici quelques-uns, en vue de proposer d'infléchir en ce sens le programme de travail dont j'ai rappelé les grandes lignes et qui nous permet d'envisager une nouvelle manière d'enquête sur nos sources.

=====

Traduction en portugais:

Uma das concepções que o século XX nos deixa é o legado da herança (da sucessão). A história das ciências visa essencialmente atualizar as etapas intelectuais do percurso que levaria a constituição das ciências adquiridas pelos cientistas, que aqui são a ordem do conceito, do resultado ou da teoria. A pesquisa é portanto orientadora em direção dos textos que se encontram portadores de inovação científica. Sua carga de novidades não

se mede somente pelo conhecimento presente que recebem a função de prefigurar. Nas últimas décadas de discussões se aplicam para chamar atenção a qual ponto tais práticas se revelam insensíveis às condições concretas de produção e de circulação de conhecimento; e elas vão elaborar várias outras aproximações, colocando cada evidência em relevância, para dar conta de certos aspectos da realidade científica de fatores da ordem econômica, social, cultural e outras. Destas diversas provocações a serem levadas em consideração nas ciências em que são práticas eficazes, eu discuto aquelas que quis chamar a materialidade das mídias pelas quais os resultados das pesquisas são publicados e divulgados.

Parece bem de fato, como notou Adrian Johns, que então mesmo que a história das ciências possa ser vista sob a forma de uma sucessão de grandes livros – o simples fato desses livros serem “livros”, o conhecimento dos objetos implica em práticas concretas de produção, de distribuição e de interpretação – passa despercebido. Por detrás desta negligência está a convicção tácita que no fundo, de qualquer ponto de vista que podemos imaginar o conteúdo científico real – e mesmo levando ao extremo sua recepção – fica de fato indiferente a forma que recebe, que aparecem a partir de então particular. E Johns para chamar para o desenvolvimento, na história das ciências, de um programa de pesquisa que pudesse se beneficiar das recentes conquistas conceituais de uma história do livro da qual L. Febvre e HJ Martin marcaram um primeiro marco importante com a publicação em 1958 da *L'apparition du livre*. Não se trataria apenas de implementar métodos quantitativos para estudar sistematicamente os perfis das publicações e sua circulação diferenciada de acordo com a localização e o ambiente. A. Johns incentiva os historiadores da ciência a assumirem a proposta, apresentada por Roger Chartier e DF McKenzie, de trabalhar as modalidades de apropriação de um livro por seus leitores, a saber: focar nos usuários e em suas práticas, seu ato de ler. A última parte de seu programa, finalmente, diz respeito à produção de livros em si, e Johns enfatiza o valor da pesquisa sobre esses atores invisíveis que são os impressores.

A esta altura do programa aparece uma deficiência. Um elo decisivo na produção não se destina à investigação, elo para o qual, no entanto, parece importante desviar a atenção: o próprio cientista e seu trabalho de projetar, de escrever o livro. Isso significa que o estudo dos diferentes métodos de recebimento de uma obra, a inspeção de suas várias realizações materiais esgotaria a análise como um objeto específico? Isso significa que a forma do livro traduz um pacote disponível, indiferente ao que veicula, que desta forma não manifesta nenhum desdobramento relativo à obra que se propõe a tornar pública,

que é destituída de história? Negligenciar essa ordem de questões é privar-se dos meios para compreender a história do livro científico em sua especificidade; É privar-se de perspectivas pelas quais a história da ciência poderia se beneficiar dessa abertura representada pela consideração dos livros como tais. No entanto, alguns trabalhos recentes parecem defender a relevância dessas questões. São todos convidados a examinar, como os cientistas desenvolvem, em todos os níveis, as formas de sua produção textual. Sem poder, no espaço deste artigo, referir a todo este trabalho, gostaria aqui de comparar, com o propósito de influenciar nesse sentido o programa de trabalho de que recordei os contornos gerais e que nos permitiu considerar uma nova forma de investigar nossas fontes.